

personagens no poder, de outro lado ficavam os que supunham que era chegado o momento de introduzir profundas alterações no próprio regime. Os primeiros compuseram-se depressa com as forças e as personagens vencidas na véspera; trataram de alijar os últimos de toda parcela de poder, com a intenção de impedir qualquer alteração no regime. O movimento era de caráter burguês, evidentemente, e aproveitava a brecha do enfraquecimento da economia de exportação, de base latifundiária. Mas não chegara à vitória, como nas revoluções burguesas clássicas, pela aliança da burguesia com camadas e classes inferiores, o proletariado ou o campesinato. Podia, por isso mesmo, transigir com o latifúndio debilitado pela crise, fazendo dele seu aliado para impedir qualquer reforma, qualquer avanço que lhe perturbasse os privilégios e as vantagens. O imperialismo, embaraçado pela crise desencadeada em 1929, dava uma folga transitória em sua inexorável pressão: para ele, tratava-se, desde que a crise se iniciara, de transferir os seus efeitos às áreas dependentes. Há, entretanto, nos movimentos de alguma amplitude — e o de 1930 foi desse tipo — uma dinâmica que não se atém unicamente às intervenções intencionais, oriundas de atos de vontade: daí o avanço que realmente trouxe ao país, o seu caráter progressista, o seu considerável saldo, assinalando, em suma, um momento marcante, um rompimento com o passado⁽³⁰⁶⁾.

O movimento liquidara, praticamente, a imprensa que apoiava a situação anterior. Mesmo os jornais que não haviam sido destruídos e por isso não puderam voltar a circular de imediato, sofreram graves consequências. O *Jornal do Brasil*, por exemplo, tivera sua redação invadida e fora forçado a ficar uma semana sem circular. Reapareceria, com a substituição de Aníbal Freire por Brício Filho, que fazia autocensura, examinando toda a matéria. Em S. Paulo, empastelados também, os jornais governistas demoraram a retornar. A *Gazeta*, com a indenização que acabou recebendo dos cofres públicos, iniciou a construção do majestoso edifício de sua nova sede, à rua da Conceição, inaugurado em 1939, e voltou a circular muito em tempo de participar ativamente na mobilização dos espíritos para o movimento dito Constitucionalista, de 1932. Os bens do *Correio Paulistano* ficaram a cargo de um depositário; o novo governo do Estado desa-

(306) Jornalista conquistado pela política, que lhe dera uma cadeira de senador, Costa Rego escrevia a um amigo que formava entre os dirigentes do movimento vitorioso: "Vocês deitaram o Brasil de pernas para o ar. Não tenho entusiasmo pelo que fizeram. Sinto-me, cada vez mais, por formação, tendências e, quem sabe? herança dos meus, um homem da *direita*, que não acredita em certos deuses da democracia, um dos quais, aquele que você invocou, a opinião, eu bem sei como se fabrica". (Afonso Arinos de Melo Franco: *Um Estadista da República. Afrânio de Melo Franco e Seu Tempo*, 3 vols., Rio, 1955, pág. 1369, III).